

## PSICOLOGIA AMBIENTAL NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA: PRATICANDO A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Jakson Luis Galdino Dourado<sup>1</sup>

Aline dos Santos Barbosa<sup>2</sup>

Erika Rodrigues Andrade de Souza Gomes<sup>3</sup>

Recebido em: 22 de mar. de 2024

Aceito em: 28 de maio de 2024

**RESUMO:** O projeto "Promovendo a Inclusão: práticas em psicologia ambiental" foi desenvolvido como uma atividade de extensão em uma instituição de apoio a pessoas com deficiência visual em Campina Grande, Paraíba. Utilizando uma abordagem multidisciplinar fundamentada na Psicologia Ambiental, o objetivo foi de compreender as necessidades específicas dessa população e promover sua inclusão em diferentes ambientes. O projeto de extensão buscou atender, jovens e adultos matriculados na instituição, de ambos os sexos, com idades entre 19 e 46 anos. A metodologia do projeto foi orientada pela pesquisa-ação e incluiu três momentos distintos: uma roda de conversa inicial para estabelecer confiança e compartilhar expectativas, um grupo de debate para discutir dificuldades enfrentadas e propor soluções, e uma atividade prática de locomoção na cidade para capacitar os participantes e promover sua independência. Os resultados destacaram a importância de uma abordagem sensível e adaptada às necessidades específicas das pessoas com deficiência visual, proporcionando um ambiente acolhedor e inclusivo. Além disso, ressaltaram a necessidade de promover conscientização e ações práticas para melhorar a acessibilidade em espaços públicos.

**Palavras-chave:** Inclusão. Pessoa com Deficiência. Psicologia Ambiental.

## ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY IN PROMOTING AUTONOMY: PRACTICING THE INCLUSION OF PEOPLE WITH VISUAL IMPAIRMENTS

**ABSTRACT:** The project "Promoting Inclusion: practices in environmental psychology" was developed as an outreach activity at a support institution for visually impaired people in Campina Grande, Paraíba. Using a multidisciplinary approach based on environmental psychology, the aim was to understand the specific needs of this population and promote their inclusion in different environments. The extension project sought to assist young people and adults enrolled at the institution, of both sexes, aged between 19 and 46. The project's methodology was guided by action research and included three distinct moments: an initial conversation to establish trust and share expectations, a discussion group to discuss difficulties faced and propose solutions, and a practical activity of getting around the city to train participants and promote their independence. The results highlighted the importance of a sensitive approach adapted to the

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). UNIFIP - Centro Universitário. ORCID. <https://orcid.org/0000-0002-2677-734X>. E-mail: jaksonpsi@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia. UNIFIP - Centro Universitário. ORCID. <https://orcid.org/0009-0009-4935-5789>. E-mail: alinebarbosa@psicocg.fiponline.edu.br.

<sup>3</sup> Pedagoga pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). ORCID. <https://orcid.org/0009-0006-2989-9664>. E-mail: erikarodriguespsicopedagoga@gmail.com.

specific needs of visually impaired people, providing a welcoming and inclusive environment. In addition, they highlighted the need to promote awareness and practical actions to improve accessibility in public spaces.

**Keywords:** Inclusion. People with disabilities. Environmental Psychology.

## INTRODUÇÃO

Este relato visa descrever a experiência de uma atividade de extensão realizada em instituição dedicada ao apoio de pessoas com deficiência visual, localizada em Campina Grande/Paraíba. O projeto, denominado "Promovendo a Inclusão: práticas em psicologia ambiental", foi concebido e implementado por estudantes do UNIFIP - Centro Universitário, matriculados em uma disciplina intitulada: Extensão em Psicologia Ambiental, sob orientação de um docente especialista na área.

Para alcançar esse objetivo, o projeto adotou uma abordagem multidisciplinar utilizando-se dos aportes teóricos da Psicologia Ambiental, tendo em vista que tal área da Psicologia visa entender o sujeito a partir do ambiente no qual ele está inserido. Souza e Leite (2021) destacam que é viável compreender que as ações humanas têm o potencial de modificar o ambiente, da mesma forma que certos eventos ambientais podem influenciar o comportamento humano.

A Psicologia Ambiental é um campo novo e aos poucos vem engatinhando dentro dos campos de atuação da Ciência Psicológica. Surgiu em 1970, a partir de estudos relacionando o ambiente e o comportamento, foi criada pensando no quanto o comportamento afeta o ambiente no qual o sujeito está inserido, assim como o ambiente interfere em determinado comportamento daquela pessoa (MOSER, 1998).

No contexto brasileiro, a Psicologia Ambiental tem se mostrado uma ferramenta essencial para entender e promover a saúde, o bem-estar e a inclusão de pessoas com deficiência. Estudos recentes têm explorado como o ambiente físico influencia a qualidade de vida dessas pessoas, bem como as intervenções necessárias para garantir sua participação plena na sociedade. Uma pesquisa conduzida por Santos e Pereira (2023) investigou a acessibilidade de espaços públicos para pessoas com deficiência. Os resultados revelaram que muitos ambientes urbanos não atendem às necessidades dessas pessoas, apresentando barreiras físicas que dificultam sua locomoção e participação em atividades cotidianas.

Destaca-se que um dos primeiros pontos que deram início a Psicologia Ambiental foi a visão holística sobre ambiente-organismo (sujeito), partindo da visão

que esses não podem ser analisados separadamente, ou seja, há uma relação entre pessoas e os ambientes nos quais interagem, há uma interação de via dupla, de modo que uma interfere na outra, tendo sempre como base as relações entre o sujeito e suas vivências ambientais (SANTOS, 2000).

O foco principal dos psicólogos ambientais é o estudo das interações entre pessoas e o ambiente, analisando como indivíduos de diferentes grupos se relacionam em ambientes naturais e constroem suas experiências de vida, tanto material quanto simbolicamente (CFP, 2022). Neste sentido, a Psicologia Ambiental é uma disciplina interdisciplinar que tem gerado uma ampla quantidade de conhecimento técnico e científico, caracterizada por uma variedade de experiências profissionais.

Vale destacar que a Psicologia Ambiental pode ser estudada a partir de diversas maneiras como: a pesquisa, observação, atividades práticas, entre outros. Para Darley e Gilbert (1985), a Psicologia Ambiental não é uma subdisciplina integrada dentro da disciplina da Psicologia, talvez possa ser mais útil pensar em Psicologia Ambiental como uma federação de várias áreas de pesquisa ativa.

Assim, a Psicologia Ambiental pode entender, a partir de pesquisas e intervenções, o que a população de pessoas com deficiência visual tem vivenciado nas suas relações com o outro e com o ambiente que os circundam, tendo em vista as barreiras que são impostas diariamente, sobretudo pela falta de acessibilidade e inclusão nos seus espaços de convivência na comunidade.

### **Pessoas com Deficiência Visual**

Indivíduos com deficiência são aqueles cuja condição física difere da maioria, resultante de lesões ou disfunções em órgãos ou funções específicas. Como resultado, têm necessidades físicas, biopsicossociais e ambientais singulares. A deficiência visual é uma condição em que há uma redução da capacidade de enxergar, podendo variar desde uma visão parcialmente comprometida até a cegueira total. Essa condição pode ser causada por diversos fatores, como problemas congênitos, doenças oculares, lesões ou traumas (AMIRALIAN, 2009).

Para pessoas cegas, a compreensão e a disposição do ambiente apresentam desafios consideráveis. Elas dependem principalmente dos sentidos táteis, cinestésicos e auditivos para explorar o mundo ao seu redor. De acordo com o último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) em 2010, aproximadamente 6,5 milhões de brasileiros declararam ter algum tipo de deficiência visual. No entanto, essa estatística engloba não apenas os cegos, mas também pessoas com diferentes níveis de comprometimento da visão (IBGE, 2010).

Para Maricato e Ferreira (2002), a deficiência visual pode apresentar obstáculos significativos à autonomia do indivíduo. Pessoas com deficiência visual frequentemente enfrentam desafios em uma sociedade e em ambientes que muitas vezes não estão adequadamente preparados para atender às suas necessidades específicas. Isso ocorre em diversos contextos, como escolas, locais de trabalho, supermercados, shoppings, praças e outros espaços públicos e privados nos quais esses indivíduos possam estar inseridos.

A partir da década de 1960, surgiram movimentos que demandavam o reconhecimento da diversidade, o que permitiu uma revisão da maneira como se entendia a deficiência. Durante grande parte desse período, até os anos 1970, predominava o modelo biomédico, que encarava a deficiência como um problema individual, uma condição a ser tratada como uma doença a ser curada. Nesse contexto, as pessoas com deficiência eram pressionadas a se adaptar ao ambiente em que estavam inseridas, seguindo um padrão de normalidade estabelecido (ALMEIDA, 2022).

Considerando essa realidade, o presente trabalho de natureza extensionista tem como objetivo compreender as necessidades específicas das pessoas com deficiência visual em relação ao ambiente físico. Além disso, visa incentivar essas pessoas a desenvolverem autonomia em diferentes espaços físicos, promovendo sua inclusão e participação ativa na sociedade.

## **METODOLOGIA**

A sistemática das intervenções foi orientada pelas premissas da pesquisa-ação, tida como um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2022).

As intervenções ocorreram entre os meses de julho e agosto de 2023, em uma

instituição que presta assistência a pessoas com deficiência visual, localizada no município de Campina Grande, Paraíba. Foram realizados três encontros em dias diferentes, com duração de duas horas por atividade, proporcionando três ações com práticas distintas: grupo de encontro, roda de conversa e atividade externa de percepção ambiental.

**Tabela 1** – Caracterização das atividades e duração dos encontros.

<b>Atividade</b>	<b>Descrição da Atividade</b>	<b>Duração da Atividade</b>
Grupo de Encontro	Acolhimento dos participantes e momento para expor os objetivos dos encontros, bem como ouvir as expectativas do grupo.	Duas horas
Roda de Conversa	Espaço mais amplo para discussão e trocas de experiências entre os participantes.	Duas horas
Percepção Ambiental	Ações práticas de locomoção e deslocamento em ambiente abertos.	Duas horas

**Fonte:** Dados da ação (2023).

A distribuição de tempo entre essas atividades sugeriu uma progressão planejada, começando com uma introdução e definição de objetivos, seguida por discussões mais aprofundadas e interativas, e culminando em uma aplicação prática sobre as dificuldades enfrentadas pelos participantes em relação à percepção ambiental.

Como público-alvo, o projeto de extensão buscou atender, jovens e adultos matriculados na instituição, de ambos os sexos, com idades entre 19 e 46 anos. Essas pessoas são indivíduos que enfrentam desafios diários relacionados à deficiência visual e buscam oportunidades de aprendizado, integração e desenvolvimento pessoal. Muitos deles estavam em busca de estratégias para melhorar sua qualidade de vida, adquirir habilidades de locomoção no ambiente urbano, além do fortalecimento da autoconfiança e independência. A faixa etária selecionada reflete a diversidade de experiências e estágios de vida desses participantes, permitindo a adaptação das atividades e intervenções de acordo com suas necessidades e interesses individuais.

O projeto de extensão se desenvolveu a partir de observações do campo, nas quais os extensionistas realizaram suas atividades previamente agendadas junto ao

espaço de atuação, promovendo diferentes tarefas, voltadas à inclusão das pessoas com deficiência visual. A partir dessas primeiras vivências com o grupo, conseguiu-se identificar a melhor maneira para a execução do projeto de extensão.

Observou-se ainda, quais atividades eram realizadas na instituição e quais as suas implicações junto aos envolvidos. Assim, o trabalho foi pensado de forma dinâmica e com participação ativa dentro das atividades, na tentativa de proporcionar bem-estar e saúde mental naquele espaço de convivência.

## **RESULTADOS E ANÁLISE**

O trabalho com pessoas com deficiência visual demanda cuidado e atenção. Neste sentido, a prática aqui relatada exigiu uma abordagem sensível e adaptada às suas necessidades específicas, proporcionando um ambiente no qual se sentissem compreendidas e confortáveis. Com esse propósito, foram planejadas três ações distintas para promover a interação e momentos de descontração com esses jovens.

### **1º Encontro**

No primeiro momento, o foco foi estabelecer um ambiente acolhedor e de confiança. Iniciou-se com uma visita pela sala da coordenação da instituição, onde os extensionistas foram recebidos para as tratativas iniciais sobre as atividades, bem como para conhecer o ambiente e as ações realizadas no local. Em seguida, as salas onde os alunos participam de atividades passaram a ser visitadas, principalmente os ambientes de maior circulação como a sala de informática, orientação e de música.

A primeira ação foi iniciada com a formação de um grupo de encontro, composto por 11 alunos da instituição. Cada participante teve a oportunidade de se apresentar, compartilhar sobre si e verbalizar as suas expectativas em relação a intervenção. Os facilitadores também se apresentaram e explicaram os objetivos do projeto, destacando a importância da psicologia ambiental para compreender as interações entre as pessoas e o ambiente físico em que vivem. O diálogo foi incentivado para promover uma atmosfera de colaboração e participação ativa dos jovens.

Segundo Rogers (1983), quando as condições propícias são experimentadas nos grupos de encontro, as pessoas podem expressar seus sentimentos mais íntimos. O teórico destaca a importância de permitir que os sentimentos reprimidos fluam para

promover a saúde mental, e para que essa autorização ocorra, é crucial vivenciar um ambiente de acolhimento, segurança e confiança.

Além da roda de conversa introdutória, foram realizadas atividades sensoriais e táteis para fortalecer os laços entre os participantes e os facilitadores. Utilizaram-se jogos táteis e dinâmicas de grupo que exploravam os sentidos do tato e da audição, proporcionando um ambiente inclusivo e participativo.

Garcia e Braz (2020) ressaltam a importância de oferecer às pessoas com deficiência visual a oportunidade de explorar o ambiente ao seu redor, usando sua própria percepção. Essa abordagem não só permite que elas se envolvam nas atividades ao seu redor, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades adaptativas e de independência, capacitando-as a enfrentar os desafios da vida cotidiana com confiança e autonomia.

Os facilitadores utilizaram recursos auditivos, como descrições detalhadas e áudios explicativos, para transmitir os conceitos-chave da psicologia ambiental de forma acessível. O objetivo era não apenas informar os participantes sobre os objetivos do projeto, mas também envolvê-los ativamente nas atividades, estimulando o senso de pertencimento e colaboração no grupo.

Como resultado dessas estratégias de intervenção, observou-se momentos importantes de trocas de experiência, participação e no engajamento dos participantes. Essa abordagem de intervenção centrada no indivíduo, demonstra o potencial transformador da psicologia ambiental na promoção do bem-estar e da autonomia das pessoas com deficiência visual.

## **2º Encontro**

Na segunda ação com o grupo, em um outro dia de encontro, foi conduzida uma roda de conversa, proporcionando a oportunidade para que os participantes compartilhassem suas experiências pessoais e percepções relacionadas à locomoção em seus ambientes cotidianos. Participaram da atividade 9 sujeitos que estavam na instituição durante a visita dos extensionistas.

Durante a discussão, foram abordadas as dificuldades enfrentadas pelos participantes, desde obstáculos físicos até desafios sociais, e foram incentivadas sugestões para promover melhorias na acessibilidade do ambiente. Os facilitadores empregaram técnicas de escuta ativa e empatia para garantir que todas as vozes fossem ouvidas e respeitadas, promovendo um diálogo aberto e inclusivo.

No debate, os participantes foram encorajados a compartilhar não apenas os aspectos relacionados às barreiras físicas que enfrentam em seus deslocamentos diários, como falta de rampas, calçadas irregulares ou ausência de sinalização tátil, mas também os desafios sociais e emocionais que enfrentam, como a falta de conscientização por parte da comunidade ou a discriminação no acesso a serviços públicos.

Sobre essa temática Partyka, (2022) acrescenta que as iniciativas inclusivas devem englobar não apenas a busca por integrar os indivíduos cegos na sociedade, mas também garantir sua autonomia através de um sistema educacional eficaz, além de facilitar seu acesso a locais públicos, serviços de saúde, ferramentas e infraestrutura adequados. Para que a verdadeira inclusão aconteça, a sociedade precisa se adaptar para receber e apoiar as pessoas com deficiência.

Durante a conversa, foram incentivadas sugestões criativas e práticas para melhorar a acessibilidade do ambiente. Isso incluiu ideias como a implementação de medidas de segurança específicas, como faixas táteis para orientação, a melhoria na iluminação pública para facilitar a locomoção noturna e a sensibilização da comunidade por meio de campanhas educativas sobre inclusão e acessibilidade.

Na visão de Araújo e Cavalcante (2023), uma experiência positiva e adaptada no ambiente desempenha um papel crucial no bem-estar físico e mental dos indivíduos. Dentro dessa perspectiva, garantir a acessibilidade para pessoas com deficiência é fundamental para promover a igualdade de oportunidades. Nesse sentido, a psicologia ambiental emerge como uma conciliadora importante na interação entre o indivíduo e o ambiente, facilitando a criação de espaços inclusivos e acolhedores.

Os facilitadores atuaram como mediadores, estimulando a colaboração e o trabalho em equipe e assim encontrar soluções que atendessem às necessidades de todos os envolvidos. Eles ofereceram ainda, suporte individualizado quando necessário, adaptando as estratégias conforme as necessidades de cada participante.

### **3° Encontro**

No último dia de encontro, os participantes tiveram a oportunidade de participar de uma atividade prática de percepção ambiental fora da instituição. Acompanhados por professores especializados, os jovens aprenderam técnicas e estratégias para se locomoverem de forma segura e autônoma na cidade. Isso incluiu o uso de bengalas,



orientação sobre travessia de ruas, identificação de obstáculos e uso do transporte público. O objetivo era capacitar os participantes para que pudessem ganhar mais confiança e independência em seus deslocamentos diários, promovendo inclusão social e participação ativa na comunidade.

Wesz (2023) argumenta que o ambiente urbano, incluindo sua arquitetura e *layout*, representa uma estrutura simbólica que molda e influencia as interações sociais ocorridas dentro dele. Além de influenciar as práticas sociais, o espaço urbano desempenha um papel fundamental na construção da identidade e no senso de pertencimento das comunidades que o habitam. Compreender a relação entre o ambiente urbano e a identidade coletiva das comunidades é essencial para o desenvolvimento de cidades mais vibrantes, inclusivas e culturalmente ativas.

Durante a atividade prática, os participantes tiveram a oportunidade não apenas de adquirir habilidades técnicas, mas também de enfrentar desafios do mundo real de forma segura e orientada. Os professores especializados forneceram orientações individuais e apoio contínuo para garantir que cada participante se sentisse confortável e confiante ao aplicar as técnicas aprendidas. Além disso, foram realizados exercícios de simulação de situações cotidianas, como atravessar uma rua movimentada ou utilizar o transporte público, para que os participantes pudessem praticar e consolidar suas habilidades em um ambiente controlado.

**Figura 1** – Atividade de percepção ambiental



**Fonte:** Dados da ação (2023).

Destaca-se que espaços mal adaptados ou que carecem de elementos sensoriais adequados podem gerar sentimentos de isolamento, ansiedade e frustração. Assim, considerar o papel da Psicologia Ambiental na inclusão de pessoas cegas, é essencial abordar tanto as questões físicas quanto as psicossociais relacionadas ao ambiente urbano, buscando criar espaços que não apenas facilitem a locomoção, mas também promovam o bem-estar emocional e a participação social desses indivíduos. Silveira e Kuhnen (2023) enfatizam que a Psicologia Ambiental também se relaciona com a saúde mental ao considerar o impacto dos ambientes físicos no bem-estar psicológico das pessoas, buscando entender como os espaços urbanos e seus elementos influenciam nas emoções.

Após a ação, foi realizada uma reflexão em grupo para discutir as experiências e desafios enfrentados durante a atividade. Os participantes foram encorajados a compartilhar suas percepções e sentimentos, destacando os progressos alcançados e identificando áreas para desenvolvimento futuro. Essa discussão proporcionou uma oportunidade para os participantes se apoiarem mutuamente, compartilharem dicas e estratégias, e celebrarem suas conquistas coletivamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente relato de experiência ressalta a importância das disciplinas de extensão na formação acadêmica dos estudantes, especialmente ao proporcionar oportunidades práticas e de interação com diferentes realidades. O projeto "Promovendo a Inclusão: práticas em psicologia ambiental" representou um esforço significativo para compreender e atuar junto à população de pessoas com deficiência visual, utilizando os fundamentos da Psicologia Ambiental como base teórica e prática.

A atuação junto às pessoas com deficiência visual foi especialmente marcante em nossa jornada acadêmica, pois nos levou a refletir sobre o papel da Psicologia como promotora da inclusão e da igualdade. Essa experiência foi enriquecedora, pois nos expôs a um novo campo de atuação, desafiando-nos a aplicar nossos conhecimentos de forma empática e eficaz diante das necessidades específicas desse grupo.

Ao mergulhar nessa experiência, fomos confrontados com as complexidades e nuances da realidade vivida por pessoas com deficiência visual, o que nos permitiu desenvolver uma compreensão mais profunda e empática das questões relacionadas

à inclusão e acessibilidade. Em última análise, essa experiência nos capacitou não apenas como futuros profissionais da Psicologia, mas também como cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

A experiência vivenciada neste projeto reforça a importância da Psicologia Ambiental como uma ferramenta essencial para compreender e promover a inclusão de pessoas com deficiência em nossa sociedade. Ao reconhecer a interação dinâmica entre o indivíduo e seu ambiente físico e social, a Psicologia Ambiental a discussão sobre criação de ambientes mais acessíveis, inclusivos e acolhedores para todos.

Por fim, este relato de experiência destaca o potencial transformador das práticas extensionistas na formação dos estudantes e na promoção do bem-estar e inclusão de comunidades vulneráveis. Espera-se que iniciativas como essa continuem a inspirar e capacitar futuros profissionais a trabalhar em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva para todos os seus membros.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cinthia Carvalho. **Acessibilidade para estudantes com deficiência visual ao ensino remoto: um estudo em Institutos Federais de Educação**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade. Programa de Pós-graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade- Mestrado profissional, p. 110. 2022.

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. **Deficiência visual: perspectivas na contemporaneidade**. São Paulo: Vetor Editora, 2009.

ARAÚJO, Yana Ramos; CAVALCANTE, Morgana Maria Duarte. O design de experiência e a vivência dos usuários na praça de alimentação de um shopping center em Maceió AL: uma análise do ambiente. In: ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO. **Anais [...]** São Paulo: Antac, 2023. p. 1-10.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Catálogo de práticas em psicologia ambiental**. Brasília: CFP, 2022. 274p.

DARLEY, John. M.; GILBERT, Daniel. T. *Social psychological aspects of Environmental Psychology*. In LINDZEY, Gardner; ARONSON, Elliot (Orgs.) **The handbook of Social Psychology**. Nova York: Random House, 1985, p. 949-992

GARCIA, Fabiane Maia; BRAZ, Aissa Thamy Alencar Mendes. Deficiência visual: caminhos legais e teóricos da escola inclusiva. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** v. 28, n. 108, p. 622-641, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**

2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

MARICATO, Ermínia; FERREIRA, João Sette Whitaker. **Operação urbana consorciada: diversificação urbanística participativa ou aprofundamento da desigualdade?** São Paulo: FAU/USP, 2002.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia**, v., n, 3. p. 121-130, 1998.

PARTYKA, Juliana Terezinha. **Teatro e acessibilidade: mediações e práticas com atores e espectadores com deficiência visual.** Curitiba: Appris, 2022.

ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser.** São Paulo: E.P.U., 1983.

SANTOS, Milton; SEABRA, Odette Carvalho de Lima; CARVALHO, Mônica de; LEITE, José Corrêa **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega; PEREIRA, Márcio. Esporte e Inclusão: Um Estudo sobre Acessibilidade. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 176-206, 2023.

SILVEIRA, Bettieli Barboza; KUHNEN, Ariane. Interfaces entre psicologia ambiental e saúde mental. **Revista Psicologia em Pesquisa**. v. 17 n. 3, p. 1-26, 2023.

SOUZA, Anna Flávia Nascimento; LEITE, Maria de Jesus de Brito. Arquitetura e psicologia ambiental. *In: UIA 2021 RIO: 27th World Congress of Architects. Anais [...]* Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2021. p. 1679-1683.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2022.

WESZ, Josana Gabriele Bolzan. Percepção ambiental e a reabilitação de edificações nos centros urbanos: segurança e apropriação dos espaços. *In. PEREIRA, Pedro Henrique Máximo (org.) Arquitetura e urbanismo e o tripé: sociedade, política e economia.* Ponta Grossa: Atena, 2023, p. 150-163.